

TARKA

V.1 / N.2

Título do artigo explorando ideias de filosofia intercultural

English title of the paper exploring
ideas of intercultural philosophy

Maria Ishida Ashanti

RESUMO

Este estudo examina a questão a partir do pensamento do filósofo Keiji (1900-1990), destacando sua relevância no contexto do século XX. A noção de autenticidade está intrinsecamente associada à ideia de um "eu verdadeiro", uma identidade que se distingue e pode ser diferenciada de uma existência falsa ou inautêntica. Na filosofia europeia, a autenticidade frequentemente se apoia em uma estrutura essencialista, que pressupõe a existência de um núcleo imutável e absoluto como fundamento do "eu". Contudo, inspirado pela tradição budista, propõe uma abordagem que busca transcender os limites da metafísica tradicional, repensando as bases da realidade e enfatizando a interdependência entre todos os elementos que a constituem. Por esse motivo, defende-se que a perspectiva de Nishitani pode ser caracterizada como transontológica, pois ultrapassa as categorias ontológicas convencionais.

PALAVRAS-CHAVE

Transontologia, Filosofia Japonesa, Vacuidade, Metafísica.

ABSTRACT

This study examines the question through the thought of the philosopher Keiji (1900-1990), highlighting its relevance in the context of the 20th century. The notion of authenticity is intrinsically linked to the idea of a "true self" an identity that is distinct and can be differentiated from a false or inauthentic existence. In European philosophy, authenticity often relies on an essentialist framework, which presupposes the existence of an immutable and absolute core as the foundation of the "self". However, inspired by the Buddhist tradition, proposes an approach that seeks to transcend the limits of traditional metaphysics by rethinking the foundations of reality and emphasizing the interdependence among all the elements that constitute it. For this reason, it is argued that Nishitani's perspective can be characterized as transontological, as it goes beyond conventional ontological categories.

KEYWORDS

Transontology, Japanese Philosophy, Emptiness, Metaphysics.

Introdução¹

O que significa ser autêntico? A ideia de autenticidade está intrinsecamente ligada ao conceito de um *eu verdadeiro*, uma identidade que se distingue de um modo de ser falso ou inautêntico. Em termos lógicos, autenticidade pode ser entendida como a correspondência entre algo e sua identidade, *A é sempre igual a A*. No entanto, na tradição ontológica europeia, essa autenticidade frequentemente se fundamenta em uma concepção essencialista, vinculada a uma essência absoluta e imutável. Diante disso, surge a questão: seria possível conceber uma noção de autenticidade que escape dessa estrutura metafísica essencialista? Poderíamos pensar o *eu verdadeiro* como algo desvinculado de um substrato fixo e eterno? Além disso, as propriedades que definem esse *eu* seriam exclusivas de cada indivíduo, caracterizando uma identidade única e insubstituível, ou conteriam também um caráter universal, representando aspectos comuns a todos os seres humanos? Este artigo explora essas perguntas à luz da proposta transontológica do filósofo da Escola de Quioto Nishitani Keiji (1900-1990) que, inspirado pela tradição budista, redefine a autenticidade como uma experiência relacional e interdependente, afastando-se dos limites da metafísica tradicional.

Nesse contexto, ao admitirmos a existência de um modo de ser autêntico, inevitavelmente também se admite a

¹ Tradução e revisão realizada pela autora de seu artigo ¿Yo soy auténtico? la búsqueda de la autenticidad en Nishitani Keiji publicado em 2022 na Revista Horizonte Independiente – Horizontes de Pensamientos, v. 3, n. 1. O trabalho é resultado compilado da tese *Yo transontológico: La respuesta de Nishitani a la subjetividad cartesiana*, Universidad Pompeu Fabra, Espanha, 2019.

possibilidade de um ser inautêntico, em desacordo com esse verdadeiro modo de ser. Mas como identificar se nosso modo de ser é fiel a nós mesmos? E, mais ainda, quais fatores poderiam limitar ou impedir a realização da autenticidade?

Para abordar essas questões, é essencial compreender o conceito de *eu* analisado por René Descartes (1596-1650), uma figura central do pensamento moderno. Na busca por uma verdade indubitável, Descartes identifica o *eu* como a primeira certeza, a base a partir da qual a razão constrói seu edifício de conhecimento.

Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente. Certamente não é pouco se todas essas coisas pertencem à minha natureza. Mas por que não lhe pertenceriam? Não sou eu próprio esse mesmo que duvida de quase tudo, que, no entanto, entende e concebe certas coisas, que assegura e afirma que somente tais coisas são verdadeiras, que nega todas as demais, que quer e deseja conhecê-las mais, que não quer ser enganado, que imagina muitas coisas, mesmo mau grado seu, e que sente também muitas como que por intermédio dos órgãos do corpo? (DESCARTES, 1979, p. 55).

Na história da filosofia, a interpretação cartesiana do *eu* tornou-se uma referência para compreender o que significa ser humano, sendo associada à autoconsciência, à identidade pessoal e ao conceito de sujeito. A definição cartesiana identifica o *eu* como uma substância pensante, cujas atividades fundamentais incluem duvidar, afirmar, negar, imaginar e sentir. Desse modo, o *cogito* constitui o fundamento da autoconsciência como também se constitui como o intermediário principal de todo o conhecimento.

Contudo, essa concepção cartesiana associa o *eu* a um ponto fixo e autônomo, isolado do mundo material, um princípio que Nishitani questiona ao propor um entendimento relacional e dinâmico da subjetividade.

1. A concepção do cultural

A concepção existencialista de inspiração budista de Nishitani questiona a visão metafísica do *eu*, enquanto propõe uma abordagem dinâmica e interrelacional. Segundo Nishitani, o encontro com o verdadeiro *eu* exige, antes de tudo, que o indivíduo tome consciência de sua *interioridade perdida* — uma condição resultante da identificação com modelos externos que nos afastam de nossa autenticidade.

De acordo com o diagnóstico de Nishitani Keiji em *La Religión y la Nada*², as sociedades modernas...

2. A realização do verdadeiro

Para Nishitani, o verdadeiro *eu* precisa ser encontrado além da ilusão da *res cogitans* cartesiana. Esse processo...

3. O que é autenticidade?

² A obra originalmente intitulada “O que é religião?” — *Shūkyō to wa Nanika*

宗教とは何か — foi publicada em 1961. Já a primeira tradução ao inglês, de Jan Van Bragt, foi revisada e ampliada pelo próprio Nishitani e leva o título de *Religion and Nothingness* ou A Religião e o Nada.

A tradução ao espanhol usada neste trabalho foi realizada a partir dessa versão em língua inglesa.

A autenticidade em Nishitani pode ser entendida como um esforço...

Conclusão

Cada elemento da realidade possui uma identidade que nos permite distinguir A de B. No entanto, essa identidade única se afirma de modo autêntico a partir do ponto de vista da vacuidade, no qual a realidade se sustenta em uma rede dinâmica de interdependência recíproca. Isso implica que o eu autêntico, segundo Nishitani, tem um caráter simultaneamente universal e particular...

Maria Ishida Ashanti

Doutora em Filosofia pela Universidade X, Japão.
Professora da especialização em Filosofia Intercultural da
Universidade de Passo Fundo. Membro de GT etc.

<https://orcid.org/0450-0602-4403-6453>

Referências

- ABE, Masao. Nishitani's Challenge to Western Philosophy and Theology. In: TAITETSU UNNŌ. The Religious Philosophy of Nishitani Keiji. Asian Humanities Press, p. 13-45, 1989.
- CARMAN, Taylor. The Concept of Authenticity". In: DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (eds.). A Companion to Phenomenology and Existentialism. Oxford: Blackwell Publishing, p. 285-296, 2009.
- DESCARTES, René. Œuvres de Descartes. 12 vols. Publicado por Charles Adam e Paul Tannery. Paris: Vrin/CNRS, 1964-76.
- HEISIG, James W. The Quest of the True Self: Jung's Rediscovery of a Modern Invention. The Journal of Religion, 77(2), 252-267, 1997.
- HEISIG, James W. Introducción. In: Nishitani Keiji. La religión y la Nada. Trad. Raquel Bouso García. Edición revisada. Nagoya: Chisokudō Publications, p. 7-26, 2017.
- NISHITANI, Keiji. Ontology and Utterance. Philosophy East and West, v. 31, n. 1, p. 29-43, 1981.
- NISHITANI, Keiji. "The I-Thou Relation in Zen Buddhism". Trad. Norman Waddell. The Eastern Buddhist II.2 (1969): p. 71-87; reimpresso in: FRANK, Frederick (ed.). The Buddha Eye: An Anthology of the Kyoto School and Its Contemporaries. Bloomington: World Wisdom, p. 39-53, 2004.
- NISHITANI, Keiji. La Religión y la Nada. Trad. Raquel Bouso. Nagoya: Chisokudō Publications, 2017.
- SEVILLA, Anton Luis. Ethics of Emptiness East and West: Examining Nishitani, Watsuji, and Berdyaev. In: INAGA, Shigemi (ed.). Questioning Oriental Aesthetics and Thinking Conflicting Visions of "Asia" under the Colonial Empires. Kyoto: International Research Center for Japanese Studies, 237-261, 2011.
- ZIMA, Peter. Subjectivity and identity: between modernity and postmodernity. London: Bloomsbury Publishing, 2015. MALL, R., 2016, "Intercultural Philosophy: A Conceptual Clarification" in Confluence: Journal of World Philosophies, vol. 1., 67-84.